



## Identidade e pertencimento: uma abordagem no campo do ensino de Artes Visuais

**Adrise Ferreira de Souza<sup>1</sup>**

[adriseferreira@hotmail.com](mailto:adriseferreira@hotmail.com)

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

**Claudio Tarouco de Azevedo<sup>2</sup>**

[claudiohifi@yahoo.com.br](mailto:claudiohifi@yahoo.com.br)

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

**Resumo:** O presente artigo faz parte da pesquisa que está sendo desenvolvida no mestrado em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas. Este estudo se realiza com o intuito de discutir os conceitos de identidade e pertencimento na perspectiva das Artes Visuais, juntamente com a prática fotográfica, visando discutir e contribuir para a identificação e pertença dos discentes tanto à disciplina de artes quanto aos conteúdos artísticos abordados, a partir de uma metodologia que insere o aluno no processo de ensino e ao mesmo tempo instiga-o a pesquisa em artes visuais.

**Palavras-chave:** Ensino de artes; identidade; pertencimento.

### Introdução

O interesse em trabalhar com as temáticas *identidade* e *pertencimento* no ensino de artes visuais surgiu na graduação. Desde então focalizo meus estudos na investigação de possíveis relações entre a arte e a vida dos discentes a partir da história da arte.

Zygmunt Bauman (2005, p. 8) caracteriza a identidade como sendo “ambivalente”. A arte é mutável, pois frequentemente são anunciados novas técnicas, materiais, artistas, tendências, etc. Estas relações já me permitem transitar entre esses dois temas, pois encontro inúmeras conexões para um trabalho pedagógico no ensino de artes visuais, sendo uma delas parte da minha pesquisa ora apresentada.

Entendemos como necessário no processo de ensino e aprendizagem em arte haver a relação entre o discente e os conteúdos artísticos, fazendo-se primordial ter a

---

<sup>1</sup> Graduada em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas, linha de pesquisa: Ensino da Arte e Educação Estética. Professora pesquisadora na Universidade Aberta do Brasil – UAB, polo IFSUL Pelotas.

<sup>2</sup> Graduado em Artes Visuais Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Federal de Rio Grande – FURG. Doutor e mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental – PPGEA da FURG. Bolsista CAPES do Programa Nacional de Pós Doutorado (PNPD) no Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas.



responsabilidade de um ensino que dialogue as teorias com as vivências dos alunos, assim respeitaremos suas histórias, ao invés de somente contar-lhes histórias alheias, desconexas muitas vezes de suas realidades e interesses. Desta forma, estaremos proporcionando motivações em articular a arte com a vida. Assim, podemos estabelecer um processo de ensino e aprendizagem consciente, responsável e respeitável, “qualificando a aprendizagem dos alunos e fazendo-a significar e articular os conteúdos com a vida real.” (BOESSIO apud SCHWARTZ, 2014, p. 9).

Como arte educadores devemos promover a criação, a fruição e a contextualização dos conteúdos artísticos, como nos convida Ana Mae Barbosa na abordagem triangular<sup>3</sup>, mas também, devemos proporcionar a autonomia, emancipação e reflexão; para tanto, faz-se necessário o implemento metodológico centrado nos interesses dos discentes, como pontua Silveira:

Para a formação de sujeitos autônomos, reflexivos, precisaremos investir na revisão de algumas metodologias que se perpetuam no ambiente escolar, promovendo, na maioria das vezes, um espaço frio, vazio dos interesses dos alunos, transformando esses em receptáculos de informações congeladas pelo tempo e que pouco se relacionam com suas vidas. (2007, p. 82)

Outro fator relevante na promoção de significação no processo de ensino e aprendizagem é o desenvolvimento e/ou amadurecimento da criticidade dos discentes perante os conteúdos artísticos, pois “[...] quando o sujeito se envolve com uma proposta, positivamente motivado, esse movimento pode ampliar os canais de percepção e reflexão crítica, oportunizando o estabelecimento de relações e de (re) construção de conhecimento.” (SCHWARTZ, 2014, p. 23).

O posicionamento crítico é desenvolvido e/ou amadurecido quando há espaços para, de acordo com Pimentel (2008, p. 16) “fazer determinações e julgamentos”. A autora segue seu discurso pontuando como necessário para o desenvolvimento da autonomia, a provocação “[...] por meio da imaginação e da criação do pensamento estético.” E conclui expondo que: “As compreensões cultivadas através do estudo da arte podem preparar as fundações para uma liberdade cultural e uma ação social.” (PIMENTEL, 2008, p. 16). Corroborando com as palavras

---

<sup>3</sup> “A Abordagem Triangular não é uma metodologia, como às vezes é chamada. Os três eixos de aprendizagem artística que a compõe delimitam claramente conjuntos possíveis de ações complementares e interconectadas.” (MACHADO, 2010, p. 64).



de Pimentel, saliento a relevância de proporcionar um ensino que visa tanto o pertencimento – fazer parte, pertencer – do discente à disciplina de artes, quanto à autonomia deste no estudo dos conteúdos artísticos relacionados com suas vivências.

### **Desenvolvimento**

O presente projeto desenvolver-se-á no segundo semestre de 2014, como projeto de extensão, na graduação na UFPel. A realização deste acontecerá em dois momentos: no primeiro, realizar-se-á a promoção de autoconhecimento, necessária para esclarecer que a visão individual que temos do mundo interfere no que se considera arte. Este exercício será concebido através de questionários e de produções fotográficas próprias. Quem sou eu? O que me pertence? O que me representa? Essas são algumas perguntas que proporcionarão respostas visuais e escritas. Julgamos esse exercício ser de extrema relevância, tanto para o autoconhecimento, quanto para a produção em artes, pois nós, arte educadores, solicitamos trabalhos práticos, mas nem todos solicitam a presença do aluno em tais produções. Contextualizando esse fato com a arte, temos exemplos de artistas<sup>4</sup> contemporâneos que vêm trabalhando com narrativas de memória pessoal e demonstrando interesse em assuntos que apresentam o seu sentimento de pertencimento a um determinado local ou grupo social.

Posteriormente, haverá a pesquisa<sup>5</sup> em artes visuais que contemplem relações e semelhanças com suas vivências e com suas respostas visuais e escritas. Esse exercício promoverá o estudo e a aproximação com o universo artístico, contextualizando tais fazeres com o que o aluno se identifica e pertence, ou seja, aproximando a relação arte e vida – relação esta cada vez mais afastada da prática artística escolar. Sobre o distanciamento entre a arte e a vida, Foucault escreve: “O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado

---

<sup>4</sup> Referencio por predileção o trabalho de Rosana Paulino, que aborda em suas produções as questões de gênero, étnicas e também dialoga seu trabalho com assuntos relacionados a identidade e ao pertencimento.

<sup>5</sup> Será desenvolvida relacionando tais respostas com quaisquer movimentos, períodos, vanguardas e/ou artistas que tenham em sua produção ou em sua biografia relações com o universo pessoal do discente. A história da arte será apresentada de maneira dinâmica e pessoal.



em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida [...]” (FOUCAULT 1995 apud LOPONTE 2007, p. 231).

A apresentação das relações entre “o eu e a arte”, será feita em forma de seminário, para promover a ampliação e socialização do conhecimento tanto artístico, quanto entre os colegas, pois quem estará apresentando o seminário, não estará apresentando só um trabalho, mas sim, se apresentando e apresentando uma nova perspectiva da arte. Todas as produções: as escritas, as imagéticas e as apresentações orais, serão discutidas e problematizadas.

Após o fechamento dessa primeira parte, o trabalho se repetirá de maneira inversa, as perguntas a serem respondidas terão como base a não identificação, como por exemplo: O que não me identifica? O que não me representa? O que não me pertence? Novamente, haverá a resposta dessas e de outras perguntas e também a realização de imagens fotográficas respondendo a essas questões. A pesquisa em arte será desenvolvida mais uma vez. A não pertença e a não identificação, pode causar repulsa no momento inicial da pesquisa, porém, ao encontrar algo em artes que responda a tais questões, poderá provocar uma mudança de pensamento ou o reforço de tal ideologia.

Estes exercícios têm como objetivo ampliar a visão artística, promover a identificação e o pertencimento dos discentes com os conteúdos artísticos e com a arte – pois os temas apresentados terão relações diretas com suas vivências – bem como, ampliar a criticidade, pois no momento em que um aluno estiver apresentando sobre sua identificação e pertença, outro pode estar discordando ou concordando com tais relações, o mesmo acontecerá quando a apresentação for sobre a não identificação e não pertença. Annateresa Fabris nos apresenta essa relação de alteridade de maneira sucinta. Para a autora, “O ‘meu’ de cada indivíduo só tem sentido quando se comunica com o meu dos outros, quando um gosto particular é confrontado com todos os outros gostos.” (1999, p. 69). Para que haja a identificação e pertença de um indivíduo, de acordo com os estudos sociológicos de identidade, deve-se haver a relação deste com outros indivíduos.

Todas essas propostas serão apresentadas ao grande grupo, promovendo a diversidade de conhecimentos. Desta forma, a reflexão sobre a arte não será vaga,



como as relações desconexas que ainda se fazem presentes nas aulas de artes, e a relação arte vida, estará sendo construída.

No instante em que o aluno passa a estudar sobre si, poderá haver um interesse maior diante da disciplina que oferece tal oportunidade, pois esta está valorizando o seu mundo, por conseguinte, valorando o seu “eu” não somente enquanto aluno, mas também valorando esse “eu” constituído *a priori*, e fora dos muros da escola; suas vivências, suas culturas, sua história, etc.

### **Considerações finais**

Entendo que esse movimento irá proporcionar experiências estéticas relevantes ao processo de ensino aprendizagem, pois o aluno estará aprendendo a aprender através da pesquisa. Neste processo, a história da arte será apresentada de maneira dinâmica e pessoal, promovendo um ensino múltiplo e não linear, utilizando-se das características do ensino contemporâneo. Como também concorda Oliveira:

Afirma-se, aqui, a importância de práticas pedagógicas que se fundamentam sobre metodologias [...] que buscam visualizar configurações espaciais e temporais que subvertam estruturas lineares e dicotômicas através de formas de expressão construídas na multiplicidade (OLIVEIRA, 2006 *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 67).

Como este projeto se desenvolverá no ensino superior, na formação de professores, estes serão convidados a refletirem ao final das atividades sobre o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem. Também estará em voga o debate sobre a cultura e conhecimento prévio do aluno que devem ser respeitados e utilizados para a significação e a identificação dos discentes com os conteúdos artísticos. Nesse sentido, Alarcão reflete também diante do papel do professor e do aluno:

O professor não é o único transmissor do saber e tem de aceitar situar-se nas suas novas circunstâncias que, por sinal, são bem mais exigentes. O aluno também já não é mais o receptáculo a deixar-se recheiar de conteúdos. O seu papel impõe-lhe exigências acrescidas. Ele tem de aprender a gerir e a relacionar informações para as transformar no **seu** conhecimento e no **seu** saber. (2008, p. 15).

Além do espaço de trocas de conhecimentos sobre si e sobre o outro, sobre a arte e sobre o universo artístico, esse poderá ser significativo para mim; – que almejo



a promoção de um ensino de qualidade, respeitoso, envolvente e valorativo para os discentes e para a disciplina e os conteúdos artísticos – e espera-se que faça sentido também para os discentes; – que terão espaço para pensar, refletir, falar de si, e criar a partir do que na Arte, lhes são significativos – e também, que proporcione a reflexão das práticas educativas na disciplina de Artes Visuais.

## Referências

ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez, 2008. 6. ed.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOESSIO, Cristina Pureza Duarte. Prefácio. In: SCHWARTZ, Suzana. *Motivação para ensinar e aprender: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes, 2014.

FABRIS, Annateresa. Percorrendo veredas: hipótese sobre a arte brasileira atual. *Revista USP*, São Paulo, n. 40, p. 68-77, dez. 1998/ jan./ fev. 1999.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte da docência em Arte: desafios contemporâneos. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. (Org.). *Arte, educação e cultura*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

MACHADO, Regina Stela. Sobre mapas e bússolas: Apontamentos a respeito da Abordagem Triangular. In: BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. P. do. (Orgs.). *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

OLIVEIRA, Andréia Machado. Projetos Pedagógicos em Arte, Educação e Tecnologia. In: BISZUS, Maria Cristina Villanova (org). *Projeto aprendi: abordagens para uma arte/educação tecnológica*. Porto alegre: Editora Promoarte, 2009.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Metodologias do ensino de Artes Visuais. In PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.) *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008. p. 9-19.

SILVEIRA, Fabiane T. da; Reflexões sobre o papel da autonomia nos processos educativos: Construindo sentidos com base na teoria freireana. In: SILVEIRA, F., Ghiggi G. e Pitano S. (org). *Leituras de Paulo Freire contribuições para o debate pedagógico contemporâneo*. Pelotas, Seiva Publicações, 2007. p. 81-91.